

Interdisciplinaridade, música e colaboração na construção do saber.

Felipe Tadeu Breier
Universidade Federal do Ceará – bolsista do PET
felipebreier@gmail.com

Hayrles da Conceição Freitas de Moraes Alcântara
Universidade Federal do Ceará – bolsista do PET
hayrles_freitas@hotmail.com

Gerardo Silveira Viana Júnior
Universidade Federal do Ceará
gerardovianajr@gmail.com

Catherine Furtado
Universidade Federal de Ceará
Batherine_84@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho apresenta o projeto Trilhas, que desenvolve, junto aos estudantes de graduação do curso de música da Universidade Federal do Ceará, uma abordagem interdisciplinar de um tema proposto semestralmente. O projeto Trilhas, que já está em seu terceiro semestre de existência, tem como objetivo o desenvolvimento de atividades interdisciplinares em Educação Musical no Ensino Superior. Para isso, utilizamos de uma metodologia que possibilite, a partir de uma temática musical escolhida, a realização de atividades que integrem diversas áreas da Música tais como a História da Música, a Apreciação Musical, Solfejo, Análise e Composição, empregando uma abordagem interdisciplinar e integrada. Além disso, pretende-se que essas atividades culminem na produção de material didático a partir das experiências vivenciadas. A partir disso, estamos desenvolvendo uma pesquisa ação, de caráter qualitativo, com o intuito de analisar a complexidade dos conceitos musicais e educacionais envolvidos na introdução de uma abordagem interdisciplinar para se ensinar Música. Com encontros semanais, as atividades desenvolvidas são estruturadas tendo como base a Pedagogia de Projetos. Como resultados parciais dos dois primeiros semestres de atividades (2014.1 e 2014.2), cujo os temas desenvolvidos foram respectivamente, Baião e Dorival Caymmi, observou-se o envolvimento dos participantes do projeto, criando uma aprendizagem compartilhada e contextualizada, onde são aproveitadas as bagagens teóricas de todos os participantes envolvidos. Percebemos ainda que a abordagem interdisciplinar suscitou a necessidade da compreensão de conteúdos inicialmente não previstos no planejamento do projeto, de forma a tornar a aprendizagem observada mais rica e aprofundada.

Palavras chave: Trilhas, Educação Musical, Interdisciplinaridade.

Introdução

O trabalho aqui apresentado objetiva relatar e consolidar reflexões desenvolvidas dentro do Projeto Trilhas nos seus dois primeiros semestres de existência (2014.1 e 2015.2). Idealizado e organizado por bolsistas do programa de educação tutorial – PET do curso de música da Universidade Federal do Ceará, com o intuito de aplicar uma metodologia interdisciplinar no processo de ensino-aprendizagem de Música. Partindo de temáticas específicas, definidas a cada semestre, estudamos o “Baião” e “Dorival Caymmi. Com a realização de Análise de músicas, Solfejo, Percepção e Apreciação, compreensão de conceitos da Harmonia Funcional, e troca de materiais e conhecimentos, o grupo conta com a colaboração de todos os participantes, na perspectiva de Pedagogia de Projetos.

Surgido a partir da demanda expressa, pelos próprios estudantes, de espaços para se pensar música interdisciplinarmente, facilitando aprofundamentos e conectando os aprendizados das diferentes disciplinas do curso, o projeto visa contribuir na construção de metodologias que possam ser aplicadas em sala de aula.

No presente artigo, discutimos inicialmente o surgimento da fragmentação das ciências e as consequências resultantes desse pensamento, assim como a importância da reintegração das mesmas. Exploramos, em seguida, os pressupostos da metodologia da Pedagogia de Projetos e por fim, apresentamos a metodologia de planejamento das atividades e relatamos alguns dos encontros realizados.

O processo histórico da fragmentação e sua desconstrução.

Historicamente a teologia tem um papel paradoxal nos modos de pensar. Na idade média, a ciência teológica liderava as expressões do saber, centralizando os interesses e as respostas às questões da época. As explicações de natureza espiritual marcam essa fase até o século XVI. Depois, as descobertas da astronomia e da física, lideradas por Copérnico, Galileu e Newton marcaram a liderança dessas áreas de conhecimentos nos séculos XVI e XVII. A seguir, outro exemplo de liderança foi Descartes que traz a geometria analítica e a

visão matemática de mundo ao âmbito da pesquisa científica. Posteriormente o espírito mecanicista foi absorvido por outras áreas, chegando ao século XVIII a alimentar as recém-criadas Ciências Sociais, tornando-as o entusiasmo do momento, e chegando ao século XIX com a enorme contribuição de Darwin, colocando a ideia de evolução biológica.

A epistemologia tradicionalmente organizada aos modelos europeus, que invade as instituições de ensino brasileiro dos diversos níveis, vem reforçar essa ideia de fragmentação e delimitação das relações entre as áreas do conhecimento.

O conceito de Interdisciplinaridade surge como impulso por substituir uma ordem hierárquica positivista, passando a se fazer muito presente a partir do século XX. Fazia-se necessária uma interação dinâmica entre as Ciências, viabilizando a existência de sistemas funcionais de ação dentro de uma heterogeneidade científica, de uma maneira a integrar e se comunicar com as disciplinas aproximando-as às necessidades sociais.

Aos poucos o positivismo conduziu a humanidade para o engessamento epistemológico, impossibilitando a abertura de novos saberes, novas disciplinas. Era importante uma inter-relação dinâmica entre as disciplinas para a constituição de um novo sistema científico. Sob essa perspectiva, a interdisciplinaridade impõe-se pela exigência de se criar um outro método de análise do mundo, uma vez que as disciplinas isoladas não podiam mais responder satisfatoriamente aos problemas da sociedade contemporânea. (LIMA, 2007, p. 51)

Do ponto de vista educacional, a interdisciplinaridade se processa quando “dois ou mais componentes curriculares possibilitam a construção de conhecimento, permitindo uma mudança nos métodos de ensino e nas práticas pedagógicas, em uma perspectiva mais filosófica do que integrativa.” (LIMA, 2007).

A música enquanto arte, que envolve em si diferentes disciplinas e conhecimentos, pressupõe a interdisciplinar, mas não é isso o que acontece. Como ressalta a autora Lima (2007):

Sendo assim, é importante que se tenha bem definido o significado da palavra interdisciplinaridade, o seu sentido para a educação, e qual a sua abrangência para o ensino e a pesquisa musical, a fim de que se possa fazer uso correto desse manancial, que dia-a-dia se integra à epistemologia contemporânea. (LIMA, 2007, p.51)

A interdisciplinaridade se refere à formação integral na perspectiva da *totalidade*. Para isso, é de fundamental importância a definição da prática que se pretende relacionar à teoria.

A aplicabilidade da abordagem interdisciplinar

Sobre a interdisciplinaridade Gerard Fourez, nos diz: “é necessário que a prática interdisciplinar torne-se uma disciplina que possa ser ensinada a todos, porém, ela é pouco ensinada, seja no nível secundário, seja nas universidades” (FOUREZ Apud LIMA 2007, p. 58).

Conforme defende a autora Sonia Albano de Lima, a implantação da interdisciplinaridade exige mudanças sociais profundas nas estruturas institucionais, psicosociológicas e culturais. Precisáramos de uma reforma da estrutura do ensino de acordo com o sujeito que se pretende formar. A partir dela, as relações de aprendizagem seriam pautadas pelo diálogo, respeitando todos os indivíduos. Os espaços para tal prática também deveriam ser outros e além disso, a base para tal mudança seria uma reflexão filosófica.

A relação interdisciplinar traz possibilidades de experimentar e possivelmente errar por esse caminho, visualizando o erro não como um fracasso total, mas como parte fundamental do aprendizado no processo de construção de uma metodologia eficiente para a aplicação da interdisciplinaridade no projeto desenvolvido. Destacando o pensamento de Santomé:

Optar por trabalhar com pressuposições, como as que caracterizam as propostas integradas, também é uma aposta na atualização e reconstrução da figura docente. O corpo docente precisa recuperar doses de coragem moral e capacidade de crítica ante o peso excessivo da cultura da objetividade, anti-intelectualismo e do consenso conservador. É preciso recuperar o valor da subjetividade partilhada e do trabalho democrático em equipe. (SANTOMÉ Apud KLEBER, 2010, p. 80)

A pedagogia de projetos tem a função de catalisadora da interdisciplinaridade, isto ocorre pois a direção a se seguir durante o processo não se foca em uma disciplina específica mas em um tema movedor de interesse. Logo para sua compreensão plena serão

necessários estudos direcionados para uma série de disciplinas específicas que terão significância concreta na vivência do aluno em contrapartida a uma abordagem que determina a disciplina como importante em si mesma.

O conhecimento específico disciplinar oferece ao aluno a possibilidade de reconhecer e compreender as particularidades de um determinado conteúdo, e o conhecimento integrado interdisciplinar dá-lhe a possibilidade de estabelecer relações significativas entre conhecimentos. Ambos se realimentam e um não existe sem o outro. (PRADO, 2005, p. 15)

Saberes em Ação-Relatos

Diante dessa demanda por espaços de discussão e aprendizado interdisciplinar, um grupo de bolsistas do programa de educação tutorial – PET, do curso de música da Universidade Federal do Ceará, idealizou o projeto chamado “Trilhas”. O grupo trabalhou como primeiro tema gerador o “Baião” (semestre 2014.1.) e posteriormente com a obra de Dorival Caymmi (semestre 2014.2).

A metodologia de trabalho do Trilhas inicia-se com o planejamento dos encontros do grupo. Nele ocorre a seleção de material a ser trabalhado tais como: textos, músicas e vídeos. Estipulamos responsabilidades entre os organizadores, levando em consideração os temas de domínio de cada um, assim como incentivamos o compartilhamento de saber e experiências com os que colaboram com o projeto, independentemente de serem bolsistas ou não.

Abordado no decorrer do semestre 2014.1. o tema “Baião”, foi inicialmente trabalhado a partir da análise do documentário: “O homem que engarrafava nuvens”, sobre a vida de Humberto Teixeira. Os debates que se sucederam a partir dos vídeos trouxeram os pontos que nortearam o planejamento do encontro seguinte, como a necessidade de estabelecer a diferença entre os gêneros Baião e Coco, bem como a origem de tais gêneros musicais brasileiros ligada ao Lundu. Sobre a origem do Baião, Luiz Gonzaga relata no filme:

[...] “quando toquei Baião pra ele (Humberto Teixeira), saiu a ideia de um novo gênero. Mas o Baião já existia como coisa de folclore. Eu o tirei do bojo da viola do cantador, quando faz o tempero pra entrar na cantoria e

dá aquela batida, aquela cadência no bojo da viola. A palavra também já existia. Uns dizem que vem do baiano, outros que vem de baía grande. O que não existia era uma música que caracterizasse o Baião como um ritmo. Era uma coisa que falava: “dá um baião aí”. Tinha só o tempero, que era prelúdio da cantoria. É aquilo que o cantador faz quando começa a pontilhar a viola esperando inspiração”.

A partir disso escolhemos a música 'Coco do Norte', de Jackson do Pandeiro, na intenção de trazer à baila a confusão terminológica entre os ritmos Coco e Baião, e a partir disso suscitar os múltiplos aspectos que compõem e caracterizam o Baião, para além dos instrumentos e da célula rítmica básica.

Pesquisamos também material sobre o Lundu, e encontramos algumas gravações, como “Isto é bom”, de Xisto Bahia e um lundu anônimo, do século XIX, colhido por Mário de Andrade. Por fim, realizamos a escrita e a leitura rítmica da célula básica do ritmo Baião (duas colcheias pontuadas e uma colcheia em compasso dois por quatro), diferenciando-a da tercina (três semínimas preenchendo um compasso dois por quatro).

Iniciamos o encontro seguinte com a apreciação de um vídeo de Baden Powell tocando “Asa Branca” e analisamos a introdução da música, construída sobre um improviso do violonista, que gradualmente foi modulando até se estabilizar no modo mixolídio (característico do Baião). Então, iniciamos uma discussão sobre a estrutura dos modos eclesiásticos, explicando estrutura intervalar de cada uma dessas de escalas, como por exemplo, a sétima menor, característica do modo mixolídio.

Após esse dia, uma das participantes, movida pelos estudos que realizamos, compôs um Baião, intitulado “A visita de Padim Ciço”, e o apresentou ao grupo com a proposta de trabalharmos conjuntamente um arranjo. Ela relatou que: “foram os estudos realizados no decorrer dos encontros do grupo que capacitaram esse manuseio e maturidade na articulação do tema, das expressões utilizadas no gênero do Baião (incluindo alguns “erros” de português que foram colocados propositalmente), na estrutura das partes da música e nos acordes escolhidos para a melodia.”

Por fim, realizamos um último encontro, ao final do semestre, em que levamos instrumentos e trabalhamos livremente as ideias musicas que surgiram para a composição, exercitando a abertura de vozes e a inclusão de instrumentos percussivos.

No semestre de 2014.2 abordamos a obra de Dorival Caymmi, influenciados pela comemoração de seu centenário. No primeiro encontro assistimos dois vídeos produzidos no primeiro semestre de 2014. O primeiro é um especial produzido pelo programa Caminhos da Reportagem, da Tv Brasil. O segundo foi um trecho da série de 13 DVDs lançados sobre Chico Buarque, em que ele realiza um depoimento sobre a “simplicidade elaborada” da letra de Caymmi e canta com o Caymmi a canção Maricotinha. Começamos assim a perceber o universo de Caymmi, de como outras pessoas o veem, sua influência em outros artistas, sua relação com a carreira de Carmen Miranda.

Em nosso segundo encontro, assistimos ao programa VerTV, do canal TV Brasil, cujo tema foi “A presença de Dorival Caymmi na TV”. Este programa teve como convidados o pesquisador da Universidade Federal da Bahia, Marielson Carvalho, autor do livro *Acontece que eu sou baiano – identidade e memória cultural no cancionário de Dorival Caymmi*; a jornalista Stella Caymmi, neta e biógrafa de Dorival Caymmi; e o produtor e diretor musical Carlos Alberto Sion. Realizamos, enquanto assistíamos ao programa, debates sobre a permanência de Caymmi por meio das novelas que utilizavam suas canções, como Gabriela e Escrava Isaura por exemplo, buscando aprofundar nossa discussão sobre a formação do gosto e o uso das mídias nestas construções.

Estes primeiros encontros nos deram a percepção da necessidade de conhecer Dorival Caymmi por ele mesmo. Constatamos que, a maioria dos vídeos, livros, reportagens sobre ele utilizam como referência o Programa Ensaio da TV Cultura, gravado em junho de 1972. Reservamos, então, nosso terceiro encontro para tal vídeo. A partir dele, ficou mais evidente sua técnica de canto nas articulações, na forma de colocação da voz, no efeito que sua voz de barítono tem em suas letras. Observamos seu toque peculiar do violão com uma sonoridade própria. Percebemos a diversidade de sua obra, quando ouvimos seus sambacções. Este ponto nos chamou a atenção para a influência do jazz em uma das fases de sua obra.

Motivados pela percepção da necessidade de uma maior apropriação e compreensão da obra do autor, suas influências, parcerias e repercussão, dedicamos um encontro para apreciação musical de um de seus discos – *Canções praieiras*, referência

principal de sua obra. Nesse encontro escutamos um bloco de canções e debatemos sobre as mesmas ao final. Durante a execução, cada participante escrevia sua percepção tanto cognitiva (conhecimento e habilidades intelectuais: conceituar, analisar, sintetizar, categorizar) quanto afetiva (sentimentos gerados, envolvimento, atitudes, preferências). Analisando sua interpretação, harmonização, letra e timbragem, consideramos que o disco está articulado como se estivesse contando a história de uma vila de pescadores. Este disco é perfeitamente passível de uma montagem teatral, com suas partes muito bem estabelecidas através de sua relação com a canção anterior e a seguinte.

É importante ressaltar que os alunos bolsistas PET Hayrles da Conceição Freitas de Moraes Alcântara e Felipe Tadeu Breier se dispuseram a realização da leitura do livro Caymmi, Sem Folclore, de 1976, escrito por André Rodrigues, para possuírem maior propriedade as discussões. Um dos pontos relevantes apontados foi o fato de termos verificado que Caymmi não está associado a um movimento específico da música brasileira, mas que ele deu sua contribuição a cada um, justificando-se aí a sua atemporalidade.

Nesse momento de apreciação musical, um dos colegas colaboradores do projeto, que estava participando do encontro pela primeira vez Miguel Maia, externalizou ser possuidor de uma coletânea de discos de Dorival Caymmi, e que no encarte e embalagem desta coletânea havia bastante informação sobre o autor, como, por exemplo, traços importantes de sua trajetória e algumas curiosidades.

Diante desta afirmação o convidamos para ficar à frente do encontro seguinte do grupo e nos trazer tais contribuições, o que resultou numa excelente apresentação em slides sobre Dorival Caymmi, tendo como base sua coletânea de discos da obra do autor.

Em nosso último encontro realizamos um debate sobre o caminho percorrido durante os encontros, a maneira como a nossa percepção de Caymmi se modificou e a forma como a relação entre os participantes possibilitou este processo.

Considerações Finais

Consideramos que a abordagem interdisciplinar enquanto proposta pedagógica agrega à formação de futuros professores uma dinâmica de aula que leva em consideração as bagagens teóricas e vivências dos estudantes como parte integrante do processo, de maneira mais natural, algo que é bastante importante para a música: “Na maioria das vezes, na vivência da criação artística, buscamos a não-divisão, a vivência de uma arte total” (SILVINO, 2011, p. 39).

Ao longo dos cinco encontros realizados, pesquisamos o gênero Baião envolvendo apreciação musical e histórica, percepção e solfejo, conhecimentos de análise harmônica, além de curiosidades surgidas que se inter-relacionam com o tema. A abordagem se deu de maneira espontânea e colaborativa, e cada colocação dos participantes interferiu no direcionamento dos encontros.

E nos encontros realizados sobre a temática Dorival Caymmi, para nos conectamos à atemporalidade de suas músicas, aprendemos conteúdo sobre a história da música brasileira, realizamos um momento de apreciação musical, exercitamos a interpretação textual e tivemos a oportunidade de reafirmamos a importância do fazer colaborativo, a partir da participação de uma colega não bolsista como ministro de um encontro.

Podemos observar que a postura de acolher curiosidades, dúvidas e inquietações dos demais participantes, tomada pelos organizadores possibilitou um ambiente de aprendizagem que não era carregado de obrigações ou imposições autoritárias de conteúdo, fator importante para o professor de música que atuará no ensino básico:

Se o professor de música não compreende e não respeita as fases de aprendizagem do indivíduo, ele pode atrapalhar e dificultar o aprendizado, podendo até causar danos irreparáveis. As diferentes pessoas, segundo idade, educação e estado psicofísico, reagirão de maneira característica, mostrando menos ou maior atração pelo “alimento” sonoro que está sendo que está ao seu alcance ou que lhes é oferecido, realizando o ato de absorção e internalização com diferentes graus de concentração, continuidade e finura (GAINZA apud LIMA, 2012, p.108)

Pudemos observar que a interdisciplinaridade aplicada através da pedagogia de projetos pode contribuir para o educador musical em formação, capacitando-o a integrar em sua metodologia de ensino motivações e reflexões advindas dos alunos, de forma a criar um

ambiente de aprendizagem que valoriza o discente como centro do processo de ensino e aprendizagem.

Apesar de ser um projeto novo, com apenas dois semestres de funcionamento, percebe-se uma inclinação positiva dos discentes com relação a proposta apresentada pelo Trilhas, pois aqueles que não podem estar presente regularmente nos encontros, sempre encontram uma forma de mensalmente visitar o projeto e compartilhar saberes. Saberes estes que são também reforçados e compartilhados através de um grupo criado nas redes sociais, a fim de estreitar a distância entre as datas dos encontros e manter sempre todos cientes dos ganhos que obtemos em cada abordagem.

Esperamos que tal participação se reflita na atuação dos estudantes enquanto educadores, possibilitando a visão totalizadora da interdisciplinaridade em suas práticas, além de estimular o envolvimento dos mesmos para com seus processos formativos, fazendo com que se tornem pesquisadores ativos na busca de conhecimento.

Referências

KLEBER, M. O.; SANTOS CACIONE, C. E. dos. **Uma experiência interdisciplinar no curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Londrina**. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 23, 75-83, mar. 2010.

LIMA, Sonia Albano de. **Interdisciplinaridade: Uma prioridade para o ensino musical**. v. 7, n.º 1, São Paulo: Música Hodie, 2007, p. 51-65.

ALBUQUERQUE, L. B.; ROGÉRIO, P. (Org.). **Educação Musical: Campos de Pesquisa, Formação e Experiências**. Fortaleza, Edições UFC, 2012. p. 107- 117.

LIMA, S. A. de. **Interdisciplinaridade: Uma prioridade para o ensino musical**. v. 7, n.º 1, São Paulo: Música Hodie, 2007, p. 51-65. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/musica/article/view/1754/12184> . Acesso em 8 de agosto de 2014.

MAFFLIOTTI, L.A. **Uma visão interdisciplinar para a educação musical**. Cadernos de Estudo - Educação Musical Nº4/5 – São Paulo, nov. 1994. Disponível em: http://www.atravez.org.br/ceem_4_5/visao_interdisciplinar.htm Acesso em 10 de agosto de 2014.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. Educ. ver., Belo Horizonte, v. 26, n. 1, abr. 2010.

PRADO, M. E. B. B. Pedagogia de Projetos: Fundamentos e Implicações In: DE

ALMEIDA ,Maria Elizabeth Bianconcini e MORAN, José Manuel (Org.). **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 13-17. Disponível em: <https://www.portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf> . Acesso em 12 de agosto de 2014.

SILVINO, I. “...ah, se eu tivesse asas...”, Fortaleza, Editora DIZ, 2011.